



TEOLOGIA SACRAMENTAL NA HERANÇA REFORMADA: BREVES ACENOS ECUMÊNICOS¹

SACRAMENTAL THEOLOGY IN THE REFORMED HERITAGE: BRIEF ECUMENICAL NODS

Luciano Azambuja Betim Blümel²

Resumo: As perspectivas teológicas e históricas em relação aos sacramentos são diversas. Este texto objetiva fazer um recorte sobre a teologia sacramental reformada. Procuramos fazer alguns breves acenos ecumênicos. A revisão é bibliográfica e se baseia no diálogo com textos do reformador João Calvino e outros autores. Os resultados apontam que, na tradição reformada, os sacramentos são dois: batismo e Ceia do Senhor (eucaristia). Ambos são meios de graça eficazes para a salvação. No horizonte do ecumenismo, dentro do pluralismo bíblico-teológico da tradição cristã, o batismo jamais deve ser repetido (rebatismo). A intercomunhão tem sido uma prática litúrgica entre igrejas reformistas.

Palavras-chave: Batismo. Ecumenismo. Ceia do Senhor. Meios de Graça.

Abstract: Theological and historical perspectives regarding the sacraments are diverse. This text aims to provide an overview of reformed sacramental theology. We tried to make some brief ecumenical nods. The review is bibliographical and is based on dialogue between texts by the reformer John Calvin and other authors. The results indicate that, in the Reformed tradition, there are two sacraments: baptism and the Lord's Supper (Eucharist). Both are efficacious means of grace for salvation. In the horizon of ecumenism, within the biblical-theological pluralism of the Christian tradition, baptism should never be repeated (rebaptism). Intercommunion has been a liturgical practice among reformist churches.

Keywords: Baptism. Ecumenism. Lord's Supper. Means of Grace.

¹ Enviado em: 24.09.2024. Aceito em: 20.10.2024.

² Doutorando em Teologia pela PUCPR; Mestre em Teologia pela PUCPR; Pós-graduado em Estudos Teológicos (Dogmática Reformada), pelo Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper (Universidade Presbiteriana Mackenzie); Pós-graduado em Teologia do Novo Testamento Aplicada, pela Faculdade Batista do Paraná - FABAPAR (2015-2017); Bacharel em Teologia pela Faculdade Evangélica do Paraná - FEPAR (2010-2015); Ministro da Palavra e Sacramentos (Presbítero) na Igreja Presbiteriana do Brasil. Email: lucianobetim@outlook.com.br

Introdução

Este artigo interage com a teologia sacramental na perspectiva reformada, especialmente em relação ao batismo cristão. Propomos breves acenos e diálogos visando aproximações no horizonte das discussões ecumênicas. O texto se restringe ao recorte bíblico-teológico situado na tradição reformada, e buscamos também nos amparar na herança milenar do cristianismo histórico. Na tradição cristã, a ação pneumática é experimentada nas ordenanças sacramentais. O protestantismo histórico professa que

agradou a Deus submeter sua presença à mediação dos sacramentos (batismo e Santa Ceia), que, no entanto, só podem ser eficazes como sacramentos da Palavra. A proclamação do evangelho e a invocação do Espírito Santo pelo ajuntamento da comunidade (epiclese) são, portanto, fundamentos de toda celebração sacramental.³

Nosso foco é a teologia reformada, na qual se preservou a prática do batismo cristão e da celebração da Ceia do Senhor. As igrejas reformadas são comunidades batismais, seladas em nome do Deus Pai, Filho e Espírito Santo. Lembramos que, por tradição reformada, estão em foco a teologia e as igrejas herdeiras da teologia de João Calvino. No Brasil, as comunidades reformadas são representadas pela Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB), Igreja Presbiteriana Independente do Brasil (IPIB) e outros grupos menores, como o Sínodo de Igrejas Reformadas Evangélicas, de tradição holandesa.

Metodologicamente, recorreremos à revisão de literatura, dialogando com os textos de João Calvino, reformador (1509-1564), mais especificamente em sua obra *As Institutas da Religião Cristã* e em seus comentários bíblicos. Outros autores reformados e católicos, visando apontamentos ecumênicos, aparecem no desenvolvimento do texto. As versões bíblicas utilizadas são: a *Bíblia de Jerusalém* (BJ) e a *Nova Versão Internacional* (NVI).

No primeiro tópico, exploramos a origem e o significado do termo “sacramento”. No segundo, abordamos a questão do número de sacramentos, do ponto de vista histórico e nas igrejas reformadas. No terceiro, refletimos sobre os sacramentos como meios de graça para a comunidade da aliança. Por fim, fazemos uma breve apresentação da perspectiva dos reformadores e das igrejas reformadas sobre o batismo/rebatismo, bem como alguns apontamentos sobre intercomunhão e hospitalidade eucarística entre igrejas reformistas.

Sacramentos: origem e significado

A teologia sacramental é um tema bíblico-teológico fundamental para todas as tradições cristãs. Nas Sagradas Escrituras, no Primeiro Testamento, aparecem o rito da circuncisão (Gn 17) e a Páscoa (Êx 12), os quais configuravam os dois sacramentos da Antiga Aliança, conforme o entendimento da teologia reformada. O sacramento do batismo, no Segundo Testamento, corresponde à circuncisão: “Nele também vocês

³ BAATARD, François et al. **Autoridade**. In: GISEL, Pierre (Org.). **Enciclopédia do protestantismo**. São Paulo: Hagnos, 2016, p.135.

foram circuncidados [...]. Isso aconteceu quando vocês foram sepultados com ele no batismo” (Cl 2.11-12, NVI). Na celebração eucarística, ocorre o cumprimento do significado pascal: “Pois nossa Páscoa, Cristo, foi imolada.” (1Co 5.7, BJ).

Praticamente todas as religiões possuem ritos que respondem às suas necessidades comunitárias, inclusive a religião cristã. As diversas igrejas cristãs preservam os sacramentos, embora não haja unanimidade em relação aos pormenores. Dentro do contexto reformista, destacamos que

O culto protestante deve se articular em torno de dois polos, a pregação e os sacramentos, não apenas a pregação. A partilha eucarística da ceia implica uma participação do corpo (uma “manducação”, como enfatiza Calvino), uma manifestação visual, um olhar comunitário. A ceia solicita o sentido da visão e complementa a pregação, que se direciona ao ouvido.⁴

Nesse sentido, impõe-se a pergunta: qual é o significado teológico do termo “sacramento”? Para responder, começamos dialogando com Santo Agostinho. Para ele, não há sacramento sem a Palavra: “Une-se a palavra ao elemento, e acontece o Sacramento”. Quanto à origem e ao sentido do termo,

A Palavra “Sacramento” não é usada na maioria das Bíblias em português. Ela vem do latim *sacramentum*, palavra usada para designar o juramento de fidelidade de um soldado. Com o tempo, esta palavra assumiu o significado de mistério. As igrejas ortodoxas orientais geralmente se referem aos Sacramentos como mistérios.⁵

Os reformadores herdaram parte da teologia sacramental de Agostinho. Restringimo-nos ao pensamento de João Calvino, que escreveu extensamente sobre os sacramentos em diversas obras. Dentro da tradição reformada, é praticamente impossível falar dos sacramentos sem se voltar para seus escritos.

Sacramentos, pois se são alianças, então contêm promessas, as quais podem despertar a consciência humana para a certeza da salvação. Segue-se desse fato que eles não são simplesmente sinais externos da fé que professamos, para que os homens vejam, mas também auxiliam nossa própria vida interior de fé.⁶

O pensamento de Calvino veio a ecoar nas diversas Confissões Reformadas, com destaque para os Símbolos de Westminster. A Confissão e os Catecismos de Westminster são adotados pelo presbiterianismo mundial. De acordo com a Confissão de Fé de Westminster, os sacramentos são “[...] santos sinais e selos do pacto da graça, imediatamente instituídos por Deus para representar Cristo e os seus benefícios e confirmar o nosso interesse nele [...]”.⁷ A posição teológica é basicamente a mesma apresentada anteriormente por Calvino, na tradição reformada clássica, da qual Westminster é herdeira.

⁴ COTTIN, Jérôme. **Arte**. In: GISEL, Pierre (Org.). **Enciclopédia do Protestantismo**. São Paulo: Hagnos, 2016, p.98.

⁵ YOUNGBLOOD, Ronald. F. (Org.) **Dicionário Ilustrado da Bíblia**. São Paulo: Edições Vida Nova, 2004, p.1266.

⁶ CALVINO, João. **Instrução na Fé ou Catecismo de Calvino** [1537]. In: **Textos Selecionados**. São Paulo: Editora Pendão Real, 2008, p.83-84.

⁷ CONFISSÃO de Fé de Westminster. In: **SÍMBOLOS de Fé da Igreja Presbiteriana**. São Paulo: Cultura Cristã, 2005, p.91.

Há diferentes perspectivas sobre a quantidade de sacramentos, bem como sobre seu significado teológico. Existem diversas visões dentro das tradições cristãs, como, por exemplo, a nomenclatura (sacramentos ou ordenanças), o número de sacramentos, sua natureza e objetivos. Embora tenham ocorrido avanços por meio de diálogos e movimentos ecumênicos, algumas diferenças ainda persistem. De um lado, estão aqueles que batizam adultos e crianças; de outro lado, aqueles que batizam apenas adultos. Quanto ao seu significado, uma pergunta central é sobre a presença do Senhor na Ceia: ela é espiritual ou real, física?

Ronald Hanks, teólogo reformado, observa que:

[...] é inquietante que os Sacramentos, apontados por Cristo como marcas da unidade da igreja, sejam uma causa principal de divisões na igreja. Por outro lado, quase tudo o que uma igreja crê vem a se focar nos Sacramentos, de forma que não é surpresa que eles marquem as divisões entre igrejas e cristãos. Falamos dos Sacramentos não para promover divisões, mas com a esperança e oração que possa haver unidade na verdade.⁸

No último tópico deste artigo, faremos alguns acenos ecumênicos sobre a aceitação universal do batismo nas igrejas cristãs. Sendo assim, concluímos esta seção observando que, a partir dos escritos de Calvino e das formulações teológicas na Confissão de Fé de Westminster, os sacramentos são selos e sinais dados por Deus com o intuito de selar e fortalecer a fé do seu povo. Assim, na perspectiva da tradição reformada – e de outras, também – Deus está atento à condição de fraqueza de seus filhos e, amorosamente, lhes fornece os meios de crescimento e preservação na fé.

Quantos sacramentos?

A tradição reformista (luteranos e reformados) afirma a existência de apenas dois sacramentos. Para Calvino, “[...] é necessário [...] que retenhamos firmemente o que já confirmamos [...] que ninguém mais senão o próprio Deus tem autoridade e poder para instituir sacramentos”.⁹ O desenvolvimento da tradição reformada, expresso na Confissão de Fé de Westminster, segue a mesma perspectiva de Calvino: “Há dois Sacramentos ordenados por Cristo nosso Senhor, no evangelho: o Batismo e a Santa Ceia”.¹⁰ Os dogmáticos presbiterianos seguiram essa perspectiva. Para Hodge, há uma clara evidência no Novo Testamento indicando dois sacramentos.¹¹

O primeiro dos sacramentos é o batismo. Ele está relacionado com a vocação do evangelho por meio da pregação da Palavra: “Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo [...]” (Mt 28.19-20, NVI). A igreja cristã tem praticado o batismo como rito de iniciação. É por meio do batismo que os conversos e seus filhos fazem parte da comunidade do povo de Deus. O batismo é um rito de iniciação, de inclusão na comunidade do povo de Deus, tanto para adultos quanto para crianças (bebês). Para Calvino, “o batismo é um signo de iniciação pelo qual somos recebidos na sociedade da Igreja, para que, enxertados em

⁸ HANKO, Ronald. **A doutrina Reformada dos Sacramentos**. Brasília: Editora Monergismo, 2007, p.5.

⁹ CALVINO, João. **A Instituição da Religião Cristã, tomo 2**. São Paulo: Editora Unesp, 2009c, p.844.

¹⁰ CONFISSÃO de Westminster. In: **SÍMBOLOS de Fé da Igreja Presbiteriana**. São Paulo: Cultura Cristã, 2005, p.92.

¹¹ HODGE, Charles. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Hagnos, 2001, p.1385.

Cristo, sejamos contados entre os filhos de Deus”.¹² Na teologia reformada posterior, conforme os Símbolos de Westminster, o batismo é definido como “[...] o lavar com água em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo [que] significa e sela a nossa união com Cristo, a participação das bênçãos do pacto [...]”.¹³ Sinal e selo são as palavras-chave na teologia sacramental reformada. Um sinal aponta para uma realidade espiritual; selo atesta sua autenticidade.

O segundo dos sacramentos é a Ceia do Senhor, conforme aparece na narrativa bíblica do Evangelho de Lucas: “E tomou um pão, deu graças, partiu e distribuiu-o a eles, dizendo: Isto é o meu corpo que é dado por vós. Fazei isto em minha memória. E, depois de comer, fez o mesmo com o cálice, dizendo: Este cálice é a Nova Aliança em meu sangue, que é derramado em favor de vós” (Lc 22.19-20, BJ). São Paulo escreveu algumas orientações sobre a celebração eucarística na comunidade de Corinto (1Co 11). Os evangelhos de Mateus (26.26-30) e Lucas (22.15-20) também narram o episódio da Ceia.

Para Calvino, a Santa Ceia é um sacramento por meio do qual o cristão é assistido e fortalecido em meio às suas fraquezas.¹⁴ Calvino entende que, por meio do sacramento, o Senhor dá o seu corpo, como um banquete espiritual, por união mística com seu povo. O reformador salienta que “a Ceia do Senhor é realmente um banquete espiritual, no qual nos alimentamos da carne e do sangue de Cristo”.¹⁵ O sentido é que, ao comer do pão e beber do vinho, ocorre a união sacramental.

O Breve Catecismo de Westminster, documento confessional adotado pelo presbiterianismo mundial, ensina que...

A Santa Ceia é o sacramento no qual, dando-se e recebendo-se pão e vinho, conforme a instituição de Cristo, se anuncia a sua morte, e aqueles que participam dignamente tornam-se, não de uma maneira corporal e carnal, mas pela fé, participantes do seu corpo e do seu sangue, com todas as suas bênçãos para o seu alimento espiritual e crescimento em graça.¹⁶

Portanto, tanto na teologia sacramental de João Calvino, quanto nas confissões reformadas, bem como no restante da tradição reformada, há dois sacramentos: o batismo e a Santa Ceia, ambos instituídos por Jesus Cristo e confirmados pela prática apostólica. Ambos são sinais e selos da aliança. Nesse aspecto, tem havido unanimidade entre as denominações dentro da grande tradição reformada (presbiteriana), herdeira do calvinismo clássico, representado pela Fraternidade Reformada Mundial.

Sacramentos são meios de Graça

Tendo definido o sentido do termo sacramentos e sua quantidade, abordamos, em conexão com a teologia sacramental reformada, o termo "meios de graça". O que seriam esses meios de graça? Calvino fala de meios de graça em termos de "meios de comunhão com a igreja".¹⁷ Charles Hodge comenta: "Meios de graça [são] instituições

¹² CALVINO, João. A Instituição da Religião Cristã, tomo 2. São Paulo: Editora Unesp, 2009c, p.717..

¹³ BREVE Catecismo de Westminster. In: *SÍMBOLOS de fé da Igreja Presbiteriana*, 2005, p.254.

¹⁴ CALVINO, 2009c, p.776.

¹⁵ CALVINO, João. Para Melancton. In: *Cartas de João Calvino*. São Paulo: Cultura Cristã, 2009a, p.177.

¹⁶ BREVE Catecismo de Westminster, 2005, p.255.

¹⁷ CALVINO, João. Para William Farel. In: *Cartas de João Calvino*. São Paulo: Cultura Cristã, 2009a, p.41.

que Deus ordenou como meios ordinários da graça, ou seja, das influências sobrenaturais do Espírito Santo".¹⁸ Em outras palavras, meios de graça são recursos que Deus fornece ao seu povo, potencializados pelo Espírito, visando o crescimento da comunidade.

Os meios de graça se revestem de aspectos práticos para a teologia pastoral:

Mas, como a nossa fé é pequena e fraca, ela, se não for apoiada de todos os lados e sustentada por todos os meios, rapidamente se abala, se agita, vacila e cai. Mas o Senhor misericordioso, por sua imensa indulgência, de tal maneira se acomoda à nossa condição [...].¹⁹

Dois textos bíblicos no Segundo Testamento são importantes na discussão dos meios de graça. Sobre o batismo: "E agora, que está esperando? Levante-se, seja batizado e lave os seus pecados, invocando o nome dele" (At 22.16, NVI). E quanto ao sacramento da mesa do Senhor: "O cálice de bênção que abençoamos não é comunhão com o sangue de Cristo? O pão que partimos não é comunhão com o corpo de Cristo?" (1Co 10.16, BJ). Nesses e em outros textos, a teologia reformada professa os sacramentos como recursos que, de fato, comunicam a graça de Deus.

Admite-se como verdade que eles [os sacramentos] não são símbolos vazios, mas que nos comunicam, de fato, aquilo que tipificam: que há no batismo a eficácia do Espírito que nos purifica e regenera; que a Ceia do Senhor é realmente um banquete espiritual, no qual nos alimentamos da carne e do sangue de Cristo.²⁰

As Confissões do período pós-Reforma abordam a teologia e o significado dos sacramentos. Por exemplo, conforme a Confissão de Westminster, há uma graça simbolizada pelo uso correto dos sacramentos, sendo eles "[...] obra do Espírito e da palavra da instituição, a qual, juntamente com o preceito que autoriza o uso deles, contém uma promessa de benefício aos que dignamente os recebem".²¹ Enfim, os meios de graça são instituídos e ordenados por Deus como um modo de edificação da alma humana através da operação do Espírito Santo.

Charles Hodge faz uma relação comparativa entre a Palavra e os Sacramentos:

Ambos têm em si certo poder moral devido à verdade que mantêm diante da mente. Ambos têm certo poder sobrenatural ou para salvar ou para santificar. Toda a sua eficiência supernatural se deve à cooperação ou à influência acompanhante do Espírito Santo. Ambos são ordenados por Deus para serem canais ou meios da influência do Espírito, àqueles que pela fé os recebem.²²

Concluindo este capítulo, observamos que, na tradição reformada, os sacramentos são sinais e selos da graça de Deus. O número de sacramentos limita-se a dois. Esses sacramentos agem como meios de graça na vida do crente, não de modo automático, mas por meio da operação do Espírito Santo em conexão com o exercício da fé pessoal. Nesse sentido, nenhum outro rito deve ser nivelado aos sacramentos estabelecidos por Jesus e seus apóstolos. Esse posicionamento tem sido mantido nas igrejas reformadas conservadoras e confessionais.

¹⁸ HODGE, 2001, p. 1367.

¹⁹ CALVINO, 2009c, p. 693.

²⁰ CALVINO, 2009a, p. 177.

²¹ SÍMBOLOS DE FÉ, 2005, p. 91.

²² HODGE, 2001, p. 1393.

Batismo como herança comum e a ceia no contexto da intercomunhão

Sem a pretensão de nivelar as diferenças confessionais, propomos um breve diálogo sobre o batismo e a Ceia no horizonte das perspectivas do diálogo ecumênico, especialmente no contexto das igrejas reformadas. Infelizmente, a prática do rebatismo tem sido comum em muitas igrejas evangélicas brasileiras, até mesmo reformadas. Essa prática não encontra apoio nas Sagradas Escrituras (Ef 4.1-6) nem na teologia dos reformadores e nas confissões reformadas.²³ O batismo aponta para a morte do pecador e a ressurreição, na obra de Cristo (Rm 6.3-5).

O batismo é essencialmente uma obra de Deus, o Pai (At 2.41), o Filho (Ef 5.26), e o Espírito Santo (1Co 12.13), em cujo nome é administrado (Mt 28.19). Não são nem o batizante nem o batizado, mas é o Senhor quem opera no batismo e lhe dá sua virtude. Portanto, tratando-se do batismo cristão, não pode este ser repetido sem que haja blasfêmia (Ef 4.5).²⁴

Os reformadores não praticaram o rebatismo. Martinho Lutero observou que “o evangelho não é falso ou incorreto porque alguns o utilizam de forma errada [...] Por isso, condeno totalmente os ensinamentos dos anabatistas, donatistas e quem quer que esteja praticando um segundo batismo”.²⁵ Outros teólogos e Confissões se posicionaram contra o rebatismo de católicos. Entre aqueles que se opuseram veementemente ao rebatismo, listamos: João Calvino, John Knox, Theodore Beza, William Perkins, Samuel Rutherford, Richard Baxter, Francis Turretin e Charles Hodge. A Confissão Belga, a Confissão Escocesa e a Confissão de Westminster, todas se opõem ao rebatismo.

Nas palavras de Calvino

[...] refuta-se esplendidamente o erro dos donatistas, os quais medem a eficácia e o valor de um sacramento pela dignidade do ministro. Tais são hoje nossos anabatistas, os quais negam terminantemente que somos corretamente batizados, uma vez que fomos batizados por ímpios e idólatras no reino papal, e em consequência insistem furiosamente que sejamos batizados novamente; contra cujos despautérios nos serve de sólido argumento considerar que não somos batizados no nome de um mortal, mas no nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo [Mt 28.19]; e por isso o batismo não é de homem, mas de Deus, não importa por quem haja sido ministrado.²⁶

John Knox estudou aos pés de Calvino, em Genebra. Knox, fundador do presbiterianismo, escreveu: “Mas a questão é se um homem batizado no papismo deveria ser rebatizado [...]? E eu respondo que ele não deveria [...]”.²⁷ A Confissão de Fé de Westminster observa que: “A graça significada nos sacramentos ou por meio deles, quando devidamente usados, não [...] depende da piedade ou intenção de quem os

²³ NICODEMUS, Augustus Lopes. **O que estão fazendo com a Igreja**. São Paulo: Mundo Cristão, 2008, p. 30.

²⁴ ALLMEN, Jean-Jacques. **Batismo**. In: ALLMEN, Jean-Jacques (Org.). **Vocabulário Bíblico**. São Paulo: Aste, 1963, p. 37

²⁵ LUTERO, Martinho. Confissão sobre a Santa Ceia de Cristo. In: LUTERO, Martinho. **Pelo Evangelho de Cristo**. Porto Alegre: Concórdia, 1984, p. 293.

²⁶ CALVINO, João. **As Institutas da Religião Cristã, vol.4: Edição Clássica**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 304.

²⁷ KNOX, John. **The Works of John Knox, volume fourth**. Edinburgh: 1855, p. 119-128.

administra”. Ainda, segundo a confissão, “o sacramento do batismo deve ser administrado uma só vez a uma mesma pessoa”.

Apesar do amplo pensamento contrário ao rebatismo da tradição reformada, é comum no protestantismo brasileiro encontrar pessoas batizadas mais de uma vez. Na contramão da perspectiva reformada histórica, a Igreja Presbiteriana do Brasil exige o rebatismo de pessoas oriundas do catolicismo. Na prática litúrgica da Igreja Presbiteriana do Brasil, há a necessidade da profissão de fé seguida do batismo.²⁸ Nesse caso, cabe a essas denominações reformadas resgatar sua própria herança calvinista e confessional, haja vista que a Confissão de Fé de Westminster, documento aceito por toda a comunidade presbiteriana mundial, não endossa a prática do rebatismo.

Por outro lado, a Igreja Evangélica Reformada do Brasil, de tradição holandesa, preservou a prática da aceitação do batismo das demais tradições cristãs (católica romana, ortodoxa e demais ramos históricos). O rebatismo não é uma opção cristã e está fora de cogitação nas Igrejas Reformadas de tradição holandesa no Brasil.²⁹ No meio presbiteriano, no ano de 2009, a Assembleia Geral da Igreja Presbiteriana Independente tomou a decisão de acolher cristãos advindos do catolicismo apenas por profissão de fé, sem a necessidade de um novo batismo.³⁰

Quando a celebração da Ceia do Senhor tem sido uma prática fraterna, a intercomunhão entre luteranos e reformados torna-se possível. Intercomunhão significa, “no sentido mais geral, comunhão eucarística entre igrejas diferentes [...]”.³¹ A intercomunhão pode ocorrer quando duas igrejas que não são da mesma família confessional permitem que seus membros comungantes possam participar da eucaristia livremente em comunidades irmãs.³² As experiências mais comuns ocorrem entre luteranos e reformados unidos.

André Birmelé observa que “entre os protestantes, em geral, a celebração da ceia está aberta a todos os que creem e desejam participar (hospitalidade eucarística), e a autenticidade de uma celebração em outra igreja não é contestada”.³³ O protestantismo recusa a exclusão, firmado no princípio de que “é próprio a cada fiel discernir a presença de Cristo nessa mesa, que é do Senhor em primeiro lugar, e não de determinada igreja”.³⁴

Essa prática já está ocorrendo desde a década de 1950, no meio reformado-luterano. Mais especificamente, no ano de 1954, a Aliança Reformada Mundial recomendou solenemente admitir todos os batizados à eucaristia, seja qual for a sua Igreja de origem. Muitas igrejas luteranas fizeram o mesmo.³⁵ Se todos são unidos ao Cristo ressurreto pelo rito batismal, há de se esperar a comunhão plena no sacramento eucarístico.

²⁸ **MANUAL Presbiteriano**. São Paulo: Cultura Cristã, 2023, p. 37.

²⁹ **MANUAL de Culto**. Castrolanda, PR: IERB, 2007, p. 132.

³⁰ **MANUAL do Culto**. São Paulo: Editora Pendão Real, 2011, p. 453.

³¹ ROOT, Michael. **Intercomunhão**. In: LACOSTE, Jean-Yves (Org.). **Dicionário crítico de teologia**. São Paulo: Edições Loyola; Paulinas, 2014, p. 913.

³² ROOT, 2014, p. 913.

³³ BIRMELE, André. **Ceia**. In: GISEL, Pierre (Org.). **Enciclopédia do protestantismo**. São Paulo: Hagnos, 2016, p.3 02.

³⁴ BRIDEL, Claude. **Hospitalidade eucarística**. In: GISEL, Pierre (Org.). **Enciclopédia do protestantismo**. São Paulo: Hagnos, 2016, p. 793.

³⁵ ROOT, 2014, p. 913

As igrejas que admitem todos os batizados à eucaristia dizem às vezes que a unidade criada pelo batismo exige a generalização da intercomunhão. A intercomunhão exprime a unidade de todos os cristãos, antes que a unidade de uma Igreja determinada.³⁶

Essa hospitalidade eucarística ou intercomunhão entre protestantes e católicos é menos viável. Bridel observa que: “Do lado católico (e também ortodoxo), estima-se impossível a eucaristia entre igrejas institucionalmente separadas antes que seja decidido um pleno acordo sobre as verdades de fé”.³⁷ O Decreto *Unitatis Redintegratio* observa que as comunidades reformistas não retêm a verdadeira substância do mistério eucarístico, reconhecendo nas igrejas apenas um sentido memorial e uma esperança escatológica do advento de Cristo.³⁸ Quanto ao futuro, para uma possível hospitalidade eucarística plena entre católicos e reformados, muito há que se dialogar. Quem sabe haja um futuro promissor nesse sentido nas próximas décadas.

Considerações finais

A sacramentologia reformada continua sendo um desafio no horizonte da unidade cristã. A importância do sacramento do batismo e da comunhão eucarística reside no fato de que eles estão inseridos no contexto da teologia prática na vida religiosa das diversas comunidades cristãs. Sendo o batismo um rito de iniciação na igreja, é de fundamental importância um claro entendimento sobre o seu significado para o povo de Deus. Do mesmo modo, em relação à eucaristia, que é rito de comunhão e unidade do povo de Deus.

O protestantismo considera a ceia e o batismo como os sacramentos constitutivos da vida eclesialística [...]. Por sua Palavra, o pão e o vinho se tornam, no Espírito Santo, portadores da presença do Senhor crucificado e ressuscitado, fonte de salvação para todo aquele que os recebe por meio da fé.³⁹

Limitamos nosso estudo ao entendimento bíblico-teológico da tradição reformada, representada neste país pela Igreja Presbiteriana do Brasil e outras igrejas reformadas. No primeiro tópico, buscamos entender o significado da palavra “sacramento” na tradição reformada. Conforme a teologia reformada, sacramentos são sinais e selos da aliança de Deus com seu povo. No segundo tópico, abordamos também os dois sacramentos, instituídos por Jesus. No terceiro tópico, discutimos os sacramentos como meios de graça. Por fim, tratamos do batismo e da ceia no horizonte do diálogo ecumênico, com recorte para as igrejas reformistas.

Bibliografia

AGOSTINHO, Santo. **A cidade de Deus**. São Paulo: Editora das Américas, 1964.

³⁶ ROOT, 2014, p. 913.

³⁷ BRIDEL, 2016, p. 793.

³⁸ **DECRETO unitatis redintegratio sobre o ecumenismo**. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19641121_unitatis-redintegratio_po.html>. Acesso em: 24 mai. 2024.

³⁹ BIRMELE, 2016, p. 301.

- ALLMEN, Jean-Jacques (Org.). **Vocabulário Bíblico**. São Paulo: Aste, 1963.
- AUGUSTINE. Gospel according to St. John [80.3]. In: SCHAFF, Philip. *The Nicene and Post-Nicene Fathers*, v.7. Albany, OR: Ages Software, 1996.
- BAATARD, François et al. **Autoridade**. In: GISEL, Pierre (Org.). **Enciclopédia do protestantismo**. São Paulo: Hagnos, 2016.
- BIRMELE, André. **Ceia**. In: GISEL, Pierre (Org.). **Enciclopédia do protestantismo**. São Paulo: Hagnos, 2016.
- BREVE Catecismo de Westminster. In: **SÍMBOLOS de Fé da Igreja Presbiteriana**. São Paulo: Cultura Cristã, 2005.
- CALVINO, João. **Instrução na Fé ou Catecismo de Calvino [1537]**. In: **Textos Selecionados**. São Paulo: Editora Pendão Real, 2008.
- CALVINO, João. Para Melancton. In: **Cartas de João Calvino**. São Paulo: Cultura Cristã, 2009a.
- CALVINO, João. Para William Farel. In: **Cartas de João Calvino**. São Paulo: Cultura Cristã, 2009a.
- CALVINO, João. **As Institutas da Religião Cristã, vol.4**: Edição Clássica. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.
- CALVINO, João. **A Instituição da Religião Cristã, Tomo 2**. São Paulo: Unesp, 2009b.
- CALVINO, João. **A Instituição da Religião Cristã, tomo 2**. São Paulo: Editora Unesp, 2009c.
- CATECISMO Maior de Westminster. In: **SÍMBOLOS de Fé de Westminster**. São Paulo: Cultura Cristã, 2005.
- CLOWNEY, Edmund. **A igreja: série teologia Cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.
- CONFISSÃO de Fé de Westminster. In: **SÍMBOLOS de Fé de Westminster**. São Paulo: Cultura Cristã, 2005.
- COTTIN, Jérôme. **Arte**. In: GISEL, Pierre (Org.). **Enciclopédia do Protestantismo**. São Paulo: Hagnos, 2016.
- DECRETO unitatis reintegratio sobre o ecumenismo**. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19641121_unitatis-reintegratio_po.html>. Acesso em: 24 mai. 2024.
- HÄGGLUND, Bengt. **História da Teologia**. Porto Alegre: Concórdia, 2003.
- HANKO, Ronald. **A doutrina Reformada dos Sacramentos**. Brasília: Editora Monergismo, 2007.
- HODGE, Charles. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Hagnos, 2001.
- KNOX, John. **The Works of John Knox, volume fourth**. Edinburgh: 1855.
- NICODEMUS, Augustus Lopes. **O que estão fazendo com a Igreja**. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

LUTERO, Martinho. Confissão sobre a Santa Ceia de Cristo (Terceira Parte). In: LUTERO, Martinho. **Pelo Evangelho de Cristo**. Porto Alegre: Concórdia, 1984. p. 287-296. **MANUAL Presbiteriano**. São Paulo: Cultura Cristã, 2023.

MANUAL de Culto. Catrolanda, PR: IERB, 2007.

MANUAL do Culto. São Paulo: Editora Pendão Real, 2011.

McGRATH, Alister. **Teologia Sistemática, Histórica e Filosófica**. São Paulo: Shedd Publicações, 2005.

ROOT, Michael. **Intercomunhão**. In: LACOSTE, Jean-Yves (Org.). **Dicionário crítico de teologia**. São Paulo: Edições Loyola; Paulinas, 2014.

YOUNGBLOOD, Ronald. F. (Org.) **Dicionário Ilustrado da Bíblia**. São Paulo: Edições Vida Nova, 2004.